

1 Introdução

Durante muito tempo a centralidade da cristologia permaneceu fixada no evento da encarnação, intuído a partir dos textos bíblicos e, sobretudo, reforçado pelo dogma. A síntese do dogma cristológico é encontrada na clássica proclamação do Concílio de Calcedônia.¹ Coube, então, à cristologia trabalhar sobre essa base.

Não obstante o fato de o dogma assegurar que a humanidade e a divindade constituem a identidade de Jesus, a realidade divina acabou por ser a mais acentuada. A figura do Cristo exaltado, com poder e glória à direita de Deus foi, cada vez mais, assumindo projeção e tirando a evidência da realidade humana. Naturalmente, essa vertente cristológica que valoriza a realidade divina tem sua raiz nos textos bíblicos do Novo Testamento. Nos evangelhos e, mais ainda, nos textos paulinos e joaninos é farta a referência àquilo que se convencionou denominar de cristologia do alto.² Entretanto, é preciso dizer que essa cristologia, no enredo neotestamentário, está intimamente ligada à vida histórica de Jesus. Para Jacques Dupuis foi o aprofundamento dos primeiros cristãos refletindo sobre Jesus que fez surgir um processo evolutivo nas formulações cristológicas. Para ele, a teologia do Novo Testamento é bastante clara: parte-se de uma cristologia desde baixo para chegar à cristologia do alto, proclamando também a condição divina do Cristo exaltado.³

Essa tensão cristológica presente nos textos bíblicos garantiu a harmonia e evitou os excessos que, naquele tempo, se apresentava nas diversas formas de gnose, com as quais os cristãos conviveram. E foi a tentativa de se preservar da gnose que fez surgir um deslocamento na reflexão teológica, saindo gradativamente do texto bíblico, caminhado em direção ao dogma.

¹ O Concílio de Calcedônia, finalizado em 451, afirma existir um e mesmo Filho, Jesus Cristo, perfeito na divindade e perfeito na humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, com alma reacional e corpo, consubstancial ao Pai, segundo a divindade e consubstancial a nós, segundo a humanidade.

² As expressões “cristologia do alto” e “cristologia de baixo” ficarão mais bem evidenciadas durante nosso trabalho.

³ Cf. Jacques DUPUIS, *Introdução à cristologia*, São Paulo: Loyola, 3 ed., 2003, p. 78-79.

A ênfase nessa postura cristológica gerou a perda de contato com a personalidade histórica de Jesus. Dos textos dos evangelhos fez-se uma leitura instrumentalmente apologética, aproveitando, por exemplo, as narrativas sobre a origem e nascimento de Jesus para afirmar sua divindade e usando os milagres por ele realizados para reforçar seu poder e divindade.

Esse quadro, muito brevemente apresentado, sofreu poucas variações ao longo dos séculos até o advento da modernidade. E foi a onda crítica da consciência ilustrada que trouxe o conformismo com o qual se lia os textos bíblicos e questionou a confiança excessiva depositada no dogma. Por meio dos métodos sistêmicos e com um rigor científico mais apurado, vemos surgir uma nova maneira de se abordar os textos bíblicos.

É nesse contexto que reaparece um novo interesse por Jesus. Não mais sobre o que a teologia ou a Igreja tem a dizer acerca dele, mas por aquilo que os textos bíblicos, lidos numa nova ótica, dizem a seu respeito. É o início de um movimento inverso, assumido primeiramente pelas ciências históricas e, só posteriormente, não sem um tanto de relutância em algumas correntes, pela própria teologia. A reflexão teológica se distancia da forma dogmática e se encaminha em direção aos textos bíblicos. É a busca pelo Jesus histórico.

Esse é ponto inicial do nosso trabalho. Embora nosso enfoque principal seja refletir sobre a ressurreição de Jesus a partir do pensamento de Andrés Torres Queiruga, achamos válido dedicar nossa atenção a essas questões, justamente pelo tamanho de sua influência. Esse será o tema abordado no primeiro capítulo.

Estamos de plena consciência do quanto nossa abordagem será sucinta. Esta problemática tão ampla, que mobilizou uma multidão de teólogos e exegetas, com uma produção bibliográfica praticamente impossível de ser recolhida pela sua vastidão, constará, no nosso trabalho, de forma bastante reduzida.

Mas é justamente pela sua relevância que achamos por bem iniciar essa pesquisa desde a questão da historicidade de Jesus. Na modernidade, sobretudo pela consciência de que os textos bíblicos foram construídos a partir do evento pascal, o tema da ressurreição ganhou um foco diferente, e também questionamentos diversos.

Partindo das leituras de coleta de material bibliográfico realizadas para essa dissertação, principalmente da obra *Repensar a ressurreição*, de Queiruga, ficou a sensação do quanto seria proveitoso adentrar nessa problemática. E não temos

dúvidas que esse amplo debate está presente não só no trabalho de Queiruga, mas de todos os que se empenham em desenvolver suas pesquisas cristológicas.

Ao tratar da temática do Jesus histórico, focaremos nossa atenção basicamente em dois aspectos: o pensamento de Rudolph Bultmann, como expressão de síntese de uma corrente teologicamente influente; e a reação crítica ao seu pensamento. Em certo sentido, tudo o que virá depois como reflexão cristológica, terá que se posicionar diante do pensamento de Bultmann e seus críticos.

Bultmann é um dos principais responsáveis pelo processo de demitização da leitura bíblica. É dele também a convicção de que tudo o que sabemos sobre Jesus está no querigma, porque Jesus está ressuscitado no querigma apostólico. Esse radicalismo querigmático fez tirar novamente Jesus do foco histórico, exigindo um refúgio quase que abstrato na fé. Sobre o Jesus histórico nada se sabe e nem é possível saber. Basta o querigma. A crítica ao seu pensamento buscará outra via, bem menos radical e assumindo a possibilidade de colocar a fé noutras bases que não somente o querigma.

Todo esse arrazoado serve para fazer compreender o enfoque que será dado ao pensamento de Queiruga, tema e conteúdo do segundo capítulo. Seu projeto teológico continua o amplo debate da teologia em dialogar os temas da fé conectados à realidade do ser humano no seu contexto atual. “A profundidade da mudança cultural e a inaudita novidade do horizonte que nesta mudança epocal se abre diante da humanidade exigem que se repense uma religião que conta sua duração não por séculos, senão por milênios.”⁴ É justamente no ato de repensar que surge a necessidade de uma nova postura diante da interpretação da ressurreição de Jesus.

E neste projeto há um tanto de semelhança ao pensamento bultmanniano. Queiruga identifica a necessidade de abandonar as leituras demasiado concordistas ou literais dos textos bíblicos. E cada tempo terá que dispor de uma hermenêutica coerente e convincente para adentrar no sentido dos textos bíblicos, não somente lidos na perspectiva de contar o passado, mas como palavra que sempre comunica.

⁴ Andrés Torres QUEIRUGA, *Fim do cristianismo pré-moderno*, São Paulo: Paulus, 2003, p. 9.

Esse é o caminho para tornar significativa as verdades e os conteúdos da fé. No específico da ressurreição, veremos seu esforço em mostrar que a verdadeira fé na ressurreição dispensa qualquer prova material.

Na leitura sobre os textos bíblicos a respeito da ressurreição de Jesus, Queiruga tentará enxergar sempre a verdade de sentido, algo que difere da pretensão de querer dar empiricidade à narrativa. Sua posição é bastante crítica a qualquer tentativa de assumir os textos bíblicos que narram o sepulcro vazio e as aparições desde o ponto de vista de “provas” históricas. Da mesma forma, será evidenciado seu empenho em dimensionar esses textos numa linha mais coerente com o sentido teológico da ressurreição. Seu empenho se justifica pela necessidade de “levar a sério a integridade do trajeto hermenêutico, fazendo-o chegar desde o trabalho pela elucidação do sentido original da fé até o esforço por encarná-lo no contexto atual.”⁵

Isso se evidencia quando Queiruga trata do sentido da ressurreição do corpo. Constataremos que essa expressão, muitas vezes interpretada na perspectiva empírica, compromete a abertura ao caráter transcendente da ressurreição. No seu entender, é preciso desvincular o sentido da expressão “ressurreição do corpo”, do destino do cadáver de Jesus. Serão esses os temas abordados no segundo capítulo.

E na sequência, no terceiro capítulo, nos dedicaremos ainda em perceber como Queiruga trabalha alguns outros aspectos relevantes do tema da ressurreição. Diferentemente de Bultmann, os teólogos mais recentes procuram interpretar a importância do papel da fé, como elemento integrador da ressurreição de Jesus evitando, contudo, assumir a fé como o elemento propulsor da ressurreição. É nesse sentido que Queiruga assume que a ressurreição é um ato de Deus, uma iniciativa de Deus, que tira Jesus da morte. “Ato de Deus” é a expressão indicativa de que a ressurreição tem sua fonte primeira na ação de Deus. Uma ação querida e realizada pelo próprio Deus e, que atingiu a vida dos apóstolos que acolheram essa ação, própria e exclusiva de Deus, pela abertura proporcionada na fé. A ressurreição como ato de Deus é a afirmação da convicção de que é Deus mesmo que ressuscita Jesus.

A ação de Deus é também uma iniciativa de revelação. O mesmo Deus que se revela na vida de Jesus, continua se revelando no gesto de ressuscitá-lo. Uma

⁵ Andrés Torres QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, São Paulo: Paulinas, 2004, p. 26.

revelação que não se faz desde fora, como um ditado intervencionista no mundo, e sim num processo que ele denomina de maiêutico, como veremos mais adiante.⁶

É no terceiro capítulo que apresentaremos a reflexão de algumas cristologias clássicas, como é o caso de Walter Kasper, Wolfhart Pannenberg e Edward Schillebeeckx e outras mais recentes, Joseph Moingt e, naturalmente, Andrés Torres Queiruga. Nosso intuito é refletir sobre a compreensão de cada um desses autores sobre a historicidade da ressurreição de Jesus. Afinal, cada qual a seu modo, precisa se posicionar diante da questão do Jesus histórico.

A leitura das páginas que se seguem fará transparecer que esse trabalho dissertativo, embora não seja eminentemente histórico, caminha numa trajetória marcada pela pesquisa sobre o Jesus histórico. Essa é a opção de Queiruga, que procuraremos preservar. Não se trata de um trabalho sobre o desenvolvimento histórico da ressurreição de Jesus, mas o fato é que Queiruga faz a abordagem desse tema, repensando-o bíblica e teologicamente dentro de um desenvolvimento histórico.

Ficará caracterizada, também, a recorrência a diversos autores e à citação de suas obras clássicas em cristologia. São autores de relevância com os quais Queiruga dialoga. Xavier Léon-Dufour é um desses autores e um bom tanto do resultado de suas pesquisas está presente no trabalho de Queiruga, sobretudo para fundamentar o suporte exegético. Tivemos acesso a principal obra de Léon-Dufour, *Ressurreição de Jesus e mensagem pascal*.⁷ E usamos essa obra, às vezes na mesma perspectiva de Queiruga, e, outras vezes, a partir da nossa interpretação dentro daquilo que julgamos mais adequado ao nosso trabalho.

Outro autor que será bastante citado é Joseph Moingt. Queiruga também faz referência ao seu pensamento, especialmente àquele contido na obra *O homem que vinha de Deus*. Porém, o que mais justifica a presença de Moingt é o fato de perceber como esse autor trata com bastante clareza alguns aspectos que em Queiruga aparecem como intuições nem sempre amplamente desenvolvidas. Só a título de exemplo, podemos citar a reflexão sobre o corpo do Ressuscitado.

⁶ “Interpretar a palavra bíblica como maiêutica histórica, a saber, não como palavra que traz um sentido posticho, que informa sobre mistérios afinal externos e distantes; mas como palavra que ajuda a ‘dar a luz’ a realidade mais íntima e profunda que já somos pela livre iniciativa do amor que nos cria e nos salva.” Andrés Torres QUEIRUGA, *A revelação de Deus na realização humana*, São Paulo: Paulus, 1995, p. 15.

⁷ Na verdade não nos consta que essa obra, cujo original é *Résurrection de Jésus et message pascal*, tenha sido traduzida para o português. Nós usamos a tradução em espanhol e a referência completa está no nosso elenco bibliográfico.

Veremos que Queiruga conduz sua abordagem com o intuito de negar a necessidade de um corpo físico para o Jesus ressuscitado. Uma intuição da qual partilha Moingt. Mas a maneira como este descreve o sentido da corporeidade implicado na ressurreição nos ajuda a ampliar bastante a própria reflexão de Queiruga.

Reforçamos que este trabalho, não obstante a atenção dedicada à questão do Jesus histórico no primeiro capítulo, tem como foco principal o tema da ressurreição de Jesus e o ponto de partida é o pensamento de Queiruga. Ao dizer “ponto de partida”, queremos justamente evidenciar que é a partir dele que estudaremos esse tema, de modo sempre aberto e ampliado pela complementação bibliográfica que tivemos acesso. Às vezes usando outras fontes para firmar a intuição de Queiruga; outras vezes para acentuar eventuais limites e a falta de consenso em algumas posições assumidas.

Por fim, só resta desejar que o resultado do trabalho realizado possa trazer um tanto mais de compreensão a respeito desse tema importante. A fé é sempre a mesma: Jesus ressuscitou! Nenhum enfoque ou estudo discutido neste trabalho atenta contra essa verdade. Essa convicção permanece viva na consciência e na abordagem reflexiva de Queiruga e dos demais autores com os quais trabalhamos. A questão de fundo está no nível de interpretação e expressão. A linguagem como essa certeza é comunicada e transmitida é que exige interpretações sempre construtivas ao longo do tempo. É isso que a cristologia tem tentado fazer.